

## EDITORIAL

Eric Weil (1904-1977) é um filósofo difícil de catalogar. Para alguns intérpretes, como o italiano Francesco Valentini, a obra weiliana está essencialmente ligada ao nome de Hegel. Uma associação afirmada também por Jean Wahl, que considera a *Lógica da filosofia* de Weil uma *Fenomenologia do espírito* do século XX. Outros, no entanto – entre os quais encontramos Hannah Arendt –, destacam em Weil um avanço significativo na interpretação da filosofia de Kant. Há também aqueles que, como Oswaldo Porchat, reconhecem sua importância para novas perspectivas acerca do pensamento aristotélico. Essas três leituras mais comuns e amplamente documentadas são complementadas pela recente contribuição de Alain Deligne, que resgatou o interesse de Weil pela filosofia da Renascença italiana, interesse evidenciado em seus trabalhos sobre Marsílio Ficino, Giovanni Pico della Mirandola e Pietro Pomponazzi.

Em parte, essa dificuldade de catalogação se deve tanto às vicissitudes que marcaram o itinerário formativo e profissional do filósofo quanto às suas escolhas diante da paisagem intelectual francesa que ele adotou. No que concerne ao primeiro aspecto, Weil foi forçado, devido à violência totalitária, a deixar a atmosfera neokantiana de Hamburgo, onde estudara sob a orientação de Ernst Cassirer, para integrar a *Hegel renaissance* ao lado de pensadores como Alexandre Koyré e Alexandre Kojève. Quanto às suas escolhas, não é indiferente que, ao contrário da maioria dos intérpretes franceses da época, Weil tenha optado por focar sua pesquisa na *Filosofia do direito* de Hegel em vez da *Fenomenologia do espírito*. Além disso, em face das interpretações, no mínimo heterodoxas, de existencialistas e marxistas, Weil procurou sempre uma leitura propriamente *hegeliana* da filosofia de Hegel. O mesmo se observa em sua escolha de priorizar a *Crítica da faculdade do juízo* de Kant e os *Tópicos* de Aristóteles, em detrimento das interpretações então predominantes, que se concentravam na *Crítica da razão pura* para Kant e na *Metafísica* para Aristóteles.

Inteiramente consciente dessa dificuldade – pelo menos é o que se extrai do conhecido testemunho de Paul Ricœur em *Le conflit des interprétations* –, Weil se define como um “kantiano pós-hegeliano”. Sobre o verdadeiro significado da expressão, o próprio Ricœur a interpreta nestes termos: “cronologicamente, Hegel vem depois de Kant; mas nós, leitores tardios, vamos de um ao outro; em nós algo de Hegel venceu algo de Kant, mas algo de Kant venceu algo de Hegel, porque nós somos tão radicalmente pós-hegelianos como somos pós-kantianos. Na minha opinião é essa troca e essa permutação que estruturam ainda o discurso filosófico de hoje. É por isso que a tarefa é pensá-los sempre melhor, pensando-os em conjunto, um contra o outro, e um pelo outro”. Mas

essa definição é suficiente para enquadrar a obra de Weil? Seria menos adequado pensá-lo como um “aristotélico pós-hegeliano” ou mesmo um “hegeliano pós-marxiano”?

Todas essas expressões são, no máximo, *quase*-definições, *semidefinições* ou simplesmente *in*-definições, sendo mais importantes pelo que deixam *in*-definido do que por aquilo que concretamente estabelecem. Não é verdade que Weil nos oferece apenas *in*-definições para alguns de seus conceitos fundamentais? Basta pensar que o filósofo não apresenta uma *definição*, no sentido mais simples e rígido do termo, para o que ele entende por “violência”, seu problema capital, quer dizer, problema a partir do qual seu pensamento deve ser compreendido. Sendo ele também um “bom hegeliano”, o “esforço do conceito” não lhe é estranho, e esse gesto precisa ser compreendido no sentido que tem dentro da obra weiliana.

Mais do que um conceito que precisa de definição, a violência é, em Weil, o problema diante do qual a própria filosofia deve ser medida. E se esta última tem a ver sempre com a articulação de um discurso coerente, ou seja, um discurso capaz de tomar ao mesmo tempo as contradições da realidade e expor seu (possível) sentido, a violência refuta todo discurso pretensamente sensato. Dito de modo simples, trata-se da recusa da razão. E como a razão se mostra sob figuras distintas, sempre atadas a condições históricas bem determinadas, a violência também assume diferentes representações ao longo do tempo. Para Weil, o tédio e o totalitarismo (este último termo raramente usado pelo autor) são feições modernas da violência.

Mesmo um conhecimento superficial da história do século passado é suficiente para intuir as razões pelas quais a violência se impôs como problema para Weil. É igualmente fundamental compreender que o autor decidiu abordar essa questão a partir de uma perspectiva estritamente filosófica, concentrando-se nas condições necessárias para a articulação de um discurso coerente e sensato, sempre em busca de maior abrangência e coerência. A filosofia de Eric Weil consiste, portanto, em uma proposta original e sistemática, cujas aporias foram apontadas por Pierre-Jean Labarrière e cujas dificuldades na interpretação não pouparam, por exemplo, um pensador como Jean-Marie Müller, como observamos em seu livro *Le principe de non-violence*. Uma proposta capaz de influenciar a compreensão da violência em autores tão diversos quanto Emmanuel Levinas, que reconhece sua dívida para com Weil em *Difficile liberté*, e Georges Bataille, que em *L'Érotisme* destaca a sua proximidade com a concepção weiliana.

Distintivo da obra de Weil é, então, o seu esforço em tomar todos os problemas da filosofia a partir da relação entre a busca de um discurso coerente e a possibilidade de sua refutação, não na construção de outro discurso alternativo, mas na recusa da razão e do discurso razoável, uma recusa absoluta e com conhecimento de causa. É por essas lentes que Weil lê alguns dos temas fundamentais da história do pensamento filosófico, o sentido e a desrazão dos eventos da

modernidade e as condições de possibilidade da construção dos grandes discursos. Eis, portanto, o fio que une as diferentes partes de sua produção intelectual.

Com a publicação deste dossiê, a *Revista Reflexões* faz jus ao esforço de um filósofo inteiramente comprometido com a compreensão do nosso tempo. E o faz em um momento particularmente simbólico na passagem dos 120 anos de seu nascimento. Trata-se de um volume de rara riqueza no que diz respeito às pesquisas sobre a filosofia weiliana. Uma riqueza que pode ser apreciada a partir de ângulos distintos.

Em primeiro lugar, este dossiê reúne em um único volume estudiosos que são referências imprescindíveis na interpretação de Eric Weil, como Patrice Canivez, Alain Deligne, Marcelo Perine, Luís Manuel A. V. Bernardo e Mahamadé Savadogo com jovens pesquisadores que atestam a vivacidade da obra desse filósofo. Em segundo lugar, é importante observar a internacionalidade deste trabalho. Os autores presentes no dossiê representam pesquisas sobre Weil desenvolvidas em países como França, Bélgica e Itália, onde sua filosofia despertou interesse já nos anos 1950, assim como em outros centros nos quais a sua obra também encontrou atenção, como Burkina Faso e Áustria. Recentemente, alguns países de língua portuguesa têm desempenhado um papel singular nos avanços dessas pesquisas, evidenciado pela participação de estudiosos do Brasil, de Portugal e de Angola. Por último, e talvez mais relevante, está a variedade dos temas abordados em um elenco amplo, mas não exaustivo, dos pontos de reflexão dentro da produção de Weil. Os artigos desse dossiê dão mostra inequívoca da amplitude da perspectiva do filósofo e das suas preocupações, sobretudo no que respeita ao sentido de um mundo que conheceu a violência absoluta, quer dizer, a absoluta recusa da razão na linguagem totalitária. Nesses textos ressoa, portanto, a pergunta em torno da qual orbita a filosofia de Weil: qual seria a natureza da filosofia em um mundo no qual ela pode ser recusada? E, neste mesmo mundo, qual seria ainda a tarefa do filósofo?

O dossiê é acompanhado por dois textos do autor, publicados entre o fim da década de 1940 e início dos anos 1950, a saber, “Ação, literatura e filosofia místicas – Aldous Huxley” e “A virtude do diálogo”. Agradecemos aqui aos professores Patrice Canivez e Seqouya Yiauek, que concederam as devidas autorizações para as traduções desses escritos weilianos. Do mesmo modo, nossa gratidão aos autores dos artigos, por sua generosidade e confiança.

Este volume é um auspicioso sinal de que a filosofia weiliana tem muito a contribuir na compreensão de tempos que, infelizmente, se mostram cada vez mais violentos ou, para dizer quase a mesma coisa, tempos nos quais a violência se manifesta sob um número sempre maior de figuras.

Boa leitura!

Os organizadores.